

O Templo e a Arquitetura

O interesse pela arquitetura do passado ressurgiu na Europa, de modo intenso e abrangente, a partir da segunda metade do século XV. Para os arquitetos renascentistas cristãos, sempre em busca da perfeição com os olhos voltados para a antiguidade clássica, ocorria um constrangedor conflito teológico de identificar a perfeição arquitetônica com a civilização greco-romana, sabidamente, uma cultura pagã. Para resolver esse conflito, a busca de uma melhor fundamentação para a arquitetura cristã,¹ acabou por confluir no templo de Jerusalém, única construção no mundo cuja planta teria sido traçada por indicação do Criador do Universo.

Esse templo teve sua construção iniciada por volta do ano 960 a .C. e, de acordo com o texto bíblico,² a construção estendeu-se por sete anos e seis meses, durante o reinado de

Salomão (Shalomo). Conta-nos a Bíblia que os preparativos para a edificação foram iniciados pelo rei Davi, pai de Salomão. Diz o texto.³

Aula 10

Objetivos:

- Apresentar a Origem do Templo Maçônico;
- Comentar as influências do Templo Hebraico;
- Esclarecer o significado maçônico de "Templo".

“Disse Davi: Aqui se levantará a casa do SENHOR Deus, o altar do holocausto para Israel.

Deu ordem Davi para que fossem ajuntados os estrangeiros que estavam na terra de Israel; e encarregou os pedreiros que preparassem pedras de cantaria para edificar a casa de Deus.

Aparelhou Davi ferro em abundância, para os pregos das folhas das portas, e para as juntas, como também bronze em abundância, que nem foi pesado.

Madeira de cedro sem conta, porque os Sidônios e os Tírios a traziam a Davi em grande quantidade.

Pois dizia Davi: Salomão, meu filho, ainda é moço e tenro, e a casa que se há de edificar para o SENHOR deve ser sobremodo magnificante, para nome e glória em todas as terras; providenciarei, pois, para ela o necessário; assim o preparou Davi em abundância antes de sua morte.”

É curioso observar que os pedreiros que construíram o templo eram estrangeiros, submetidos a trabalhos forçados, o que é confirmado mais adiante.⁴

“Salomão levantou o senso de todos os homens estrangeiros que havia na terra de Israel, segundo o senso que fizera Davi, seu pai, e acharam-se cento e cinqüenta e três mil e seiscentos. Designou deles setenta mil para levarem as cargas, oitenta mil para talharem as pedras nas montanhas, como também três mil e seiscentos para dirigirem o trabalho do povo.”

O primeiro livro de crônicas nos conta também que Davi deu a Salomão a planta para a construção do templo.

“Deu Davi à Salomão, seu filho, a planta do pórtico com as suas casas, as suas tesourarias, os seus cenáculos, e as suas câmaras interiores, como também da casa do propiciatório. Também a planta de tudo quanto tinha em mente com referência aos átrios da casa do SENHOR, e a todas as câmaras em redor, para os tesouros da casa de Deus, e para os tesouros das coisas sagradas;

...Tudo isto, disse Davi, me foi dado por escrito por mandado do SENHOR, a saber, todas as obras desta planta.”

No ano 593 a.C.⁵ as tropas do rei Nabucodonosor, da Babilônia, arrasaram Jerusalém, destruindo seu templo. Levaram todos os utensílios de valor e grande número de prisioneiros. Foi reconstruído em dimensões mais modestas entre 537 e 522 a.C., por ocasião da volta do povo do exílio. Entre os anos 24 e 68 de nossa era, o templo, danificado à época dos Macabeus, foi reconstruído suntuosamente pelo rei Herodes, sendo logo depois, no ano 70 d.C., definitivamente destruído pelas tropas do imperador Vespasiano, comandadas por seu filho mais velho,



O Rei Salomão recebe em audiência operários que trabalham na construção do Templo.

Tito. Deste último templo existe em nossos dias apenas um muro erigido com enormes pedras, que teria sido parte dos seus alicerces, o **muro das lamentações**, onde os judeus fundamentalistas se congregam para orar.

O interesse dos arquitetos e filósofos voltou-se para o primeiro templo, construído por Salomão, por ter sido o único edifício do mundo erigido segundo planta indicada pelo próprio Deus e que por isso refletiria em suas proporções aquelas utilizadas na construção do universo. Foram muitas as tentativas de construção de um modelo do templo tomando por base os textos bíblicos dos livros de Reis e Crônicas, como também a visão detalhada apresentada pelo profeta Ezequiel de sua planta e dimensões. Utilizava-se também, como referência a mishná, a versão compilada da tradição oral judaica. Jaacob Judah Leon (1603-1675),⁶ por volta de 1641, erigiu um modelo do templo que foi muito considerado em sua época. Seus estudos trouxeram novas informações a respeito da localização exata do templo, que não era, como até então se considerava, no centro do pátio dos gentios, mas sim ao norte desta posição. Juan

Caramuel Lobkowsky (1602-1682)⁷ foi professor, matemático, lingüista, filósofo e bispo católico. Tal qual Anderson, Caramuel considerava a arquitetura como sendo de origem divina, no paraíso terrestre, com a primeira cabana construída por Adão, sob a supervisão do criador. Suas fontes de referências além da bíblia, foram: a mishná e as obras de Moisés Maimônides e seus seguidores.

Juan Bautista Villapando (1552-1608)⁸ foi também um teórico da arquitetura e no 2º volume de sua obra, publicada em 1605 em três volumes, comenta largamente os aspectos simbólicos do templo de Jerusalém, dentro da idéia que suas dimensões traduziriam a perfeição da arquitetura, bem como as proporções utilizadas por Deus na criação do universo e do homem.



Essas referências indicam claramente que quando Anderson escreveu sua obra maior, As constituições, as descrições por ele apresentadas inserem-se perfeitamente nas obras e pensamentos de outros autores não maçons referindo-se à arquitetura, e que o interesse

pelo templo do rei Salomão não era característica exclusiva da maçonaria.

Templo e Loja

No início do período medieval—quando a palavra **maçonaria** nomeava apenas a arte de construir e, por associação, as empresas construtoras—as lojas eram simples barracões onde se trabalhava o material vindo das pedreiras, esculpam-se estátuas e motivos decorativos, arquitetos e mestres de obras discutiam os pormenores dos planos da edificação. Mais tarde, no início do século XVIII, vamos encontrar os grêmios de construtores em transformação. Em Londres, várias lojas promovem suas reuniões em salas reservadas de tabernas, tendo entre seus membros grande número de homens que nada tinham em comum com a arte de construir, mas almejavam ser construtores da sociedade.

Por essa época, a organização medieval de ensino operativo das corporações estava em franco declínio, e as relações de trabalho na sociedade estavam também em mutação, surgindo em-

presas desvinculadas do sistema de guildas, que por longo período nortearam a atividade empresarial. Onde quer que a reunião de loja fosse realizada, na abertura dos trabalhos, traçavam-se no chão os principais símbolos, compondo o “quadro da loja”, que era cuidadosamente apagado após o seu término.

Mais tarde, os diagramas simbólicos foram bordados em tapete, que se desenrolava no início dos trabalhos, sendo substituídos depois por quadros pintados, reunindo então as referências específicas de cada grau.

Em 1776 foi inaugurado em Londres o primeiro edifício destinado a abrigar reuniões maçônicas, o “Free Masons Hall”, na “Great Queen Street”. A partir dessa data, outras edificações destinadas às reuniões maçônicas foram sendo erigidas, transpondo-se para os elementos arquitetônicos das salas, os símbolos contidos nos quadros das lojas.



Observando-se os desenhos, apresentados nas duas próximas figuras, representando iniciações maçônicas no século dezoito, e

de outras assemelhadas encontradas em antigos livros maçônicos, podemos perceber clara evidência de ainda não existir, naquela época, o definido posicionamento dos oficiais e membros da loja, comum em nossos dias. A disposição dos obreiros e o dimensionamento do templo tiveram como inspiração referencial básica as igrejas e o parlamento britânico. Assim, as interpretações esotéricas atribuídas àquelas posições são reflexo de desenvolvimento recente, de associação particular de idéias, às vezes forçadas, na ânsia de ligar a ritualística maçônica a formulações de diferentes escolas místicas, não traduzindo interpretação ou prática antiga da instituição maçônica.

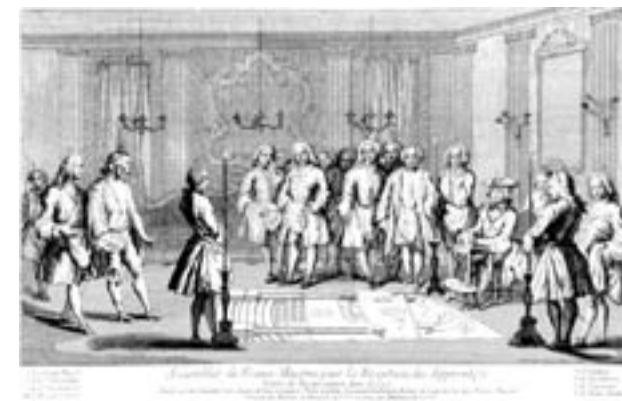
Edifícios especialmente destinados às reuniões maçônicas são **Templos da Maçonaria**, no mesmo sentido em que uma biblioteca é um templo do conhecimento, e um ginásio templo dos esportes, sem qualquer das conotações religiosas comumente associadas ao termo. Aos símbolos tradicionais contidos nos “quadros das lojas” acrescentaram-se outros que vieram a compor a decoração dos templos modernos, nos quais detalhes simbólicos e posicionamento dos oficiais po-

dem ter configuração diferente também nos diferentes ritos.

Nos ritos ingleses e norte-americanos, os templos não apresentam decoração semelhante à encontrada no Brasil: o Oriente acha-se no mesmo nível do Ocidente, não existindo a grade do oriente, nem a comum representação do céu nos tetos. Tampouco se vê representação de colunas com signos zodiacais, e como podemos observar na figura seguinte, as duas colunas tradicionais estão próximas do trono do primeiro vigilante, havendo em cada lado do mesmo também as saídas da sala.



Sala gótica, no décimo segundo andar do prédio da Grande Loja de Nova York, vendo-se ao fundo, ao lado da cadeira do Primeiro Vigilante as duas colunas simbólicas, e por trás delas as portas de saída.



Gravura francesa representando “Os costumes dos Franco-Maçons em suas assembléias para recepção de aprendizes.” data de 1745. Observe-se que a posição dos oficiais, o mobiliário não segue as normas rigorosas da atualidade. Também o vestuário era o comum da época, e os aventais, usados por baixo ou por cima da casaca.



A cerimônia de iniciação de um novo maçom em gravura inglesa do século XVIII. Vemos a sessão transcorrer com os membros da loja dispostos em volta de uma mesa.

Influência do Templo Hebraico

Os elementos simbólicos encontrados no interior dos templos refletem hoje, além dos antigos quadros das lojas, componentes do judaísmo bíblico e da cultura greco/romana. A maçonaria foi buscar no famoso templo hebraico mandado erigir por Salomão, cerca de 980a.C., dimensões e elementos arquitetônicos, assim como também sua construção fundamentou as lendas maçônicas apresentadas nas instruções tradicionais dos graus. As duas colunas, B e J, aludem àquelas encontradas à entrada do Templo de Jerusalém, do qual temos também a representação do “mar de bronze”, grande reservatório de água fora do edifício do templo de onde, com bacias especialmente fundidas, retirava-se água para a purificação dos animais a serem oferecidos em holocausto.

O interesse pelo templo de Salomão, conforme comentamos anteriormente, não é

característica eminentemente maçônica, mas reflexo da revolução cultural originada no Renascimento italiano do século xv, o qual buscou na antiguidade os referenciais de valores artísticos e culturais, encontrando naquele templo, construção divinamente inspirada, a referência ideal para a arquitetura. Esse templo, o primeiro erigido em honra ao Deus único, sendo o centro da religião hebraica, tinha como funções principais abrigar a Arca da Aliança que continha as tábuas da lei de Moisés, e intermediar, através dos sacrifícios ofertados pelo sacerdote, as relações entre o povo e seu Deus.

As representações do templo de Salomão extraídas do texto bíblico por diferentes autores não são idênticas. Isso se deve à dificuldade de se interpretar visualmente as poucas referências disponíveis no primeiro livro de Reis e segundo de Crônicas:

“O Templo que o rei Salomão edificou para o Senhor tinha sessenta côvados de comprimento, vinte côvados de largura e trinta côvados de altura. E o pórtico diante do templo da casa era de vinte côvados de comprimento, no sentido da largura do Templo, e dez côvados de largura, no sentido do comprimento do Templo. E fez para o Templo janelas oblíquas com grades. E edificou câmaras junto ao muro da casa, contra as paredes da casa, tanto do Templo como do oráculo; e assim lhe fez câmaras laterais ao redor. O andar (câmara) térreo tinha cinco côvados de largura, o intermediário seis côvados, e o terceiro sete côvados, porque pela parte de fora da casa, em redor, ele tinha feito encostos, para que as vigas não se apoiassem nas paredes da casa.”

O côvado referido aqui, no livro II de Crônicas (II Cr 3.3) detalhado como “medida antiga”, era mais comprido que o côvado comum (45 cm), equivalendo a 52,5 cm, o que dava para o Templo um comprimento de 31,5 m, largura de 10,5 m e altura 15,75 m, dimensões modestas se comparadas com as das imensas catedrais construídas desde a época medieval. Era, porém, revestido internamente de ouro puro, sendo seus principais utensílios do mesmo material. Foi o primeiro edifício pré-fabricado de que se tem notícia:



“O Templo foi construído com pedras já talhadas; de modo que não se ouviu barulho de martelo nem de cinzel, nem de qualquer outro instrumento de ferro durante sua construção. A entrada para o andar inferior situava-se no ângulo direito do Templo, e por meio de escadas em caracol subia-se ao andar intermediário, e deste ao superior”. (I Reis 6. 7,8)

Mais detalhes sobre as câmaras laterais são apresentados mais adiante, o que não facilita de modo algum a visualização do aspecto externo do Templo:

“Também edificou as câmaras em volta de toda a casa, de cinco côvados de altura, e as ligou à casa com madeira de cedro”. (I Reis 6. 10)

Mais adiante, a partir do versículo 19, lemos:



“E por dentro da casa, na parte mais interior, preparou o oráculo (mais tarde chamado “Santo dos Santos”) para pôr ali

a Arca da Aliança do Senhor. E o oráculo no interior era de vinte côvados de comprimento, vinte de largura e vinte côvados de altura, e o revestiu de ouro puro. Fez um altar de cedro, diante do oráculo, e o revestiu de ouro. Ele revestiu de ouro o templo todo, que ficou inteiramente coberto de ouro.”

O altar aqui referido era o **altar dos perfumes**, visto que o altar dos sacrifícios ficava fora do edifício.

A descrição das duas colunas na entrada do pórtico também é desconcertante:



“Fundiu duas colunas de bronze, a altura de uma era de dezoito côvados, e sua circunferência media-se por um fio de doze côvados; assim era também a segunda coluna. Fez dois capitéis de bronze fundido, colocando-os no topo das colunas; um capitel tinha cinco côvados de altura e a altura do outro era a mesma. Fabricou duas redes para cobrir os dois colos dos capitéis que encimavam as colunas; uma rede para cada capitel. Fez as romãs; havia duas fileiras de romãs em torno de cada rede,

quatrocentas ao todo, aplicadas no centro que ficava por detrás das redes; havia duzentas romãs em torno de um capitel, e o mesmo número em torno do outro. Os capitéis que encimavam as colunas eram em forma de flores. Ergueu as colunas diante do pórtico do santuário; ergueu a coluna do lado direito à qual deu o nome de laquin (ou Jakin), ergueu a coluna da esquerda e chamou-a Boaz (ou Booz). Assim ficou pronto o serviço das colunas.”

Como podemos ver, não é tarefa fácil desenhar esculpir ou fundir colunas segundo essa descrição. O livro de Crônicas nos dá outros detalhes:



As duas colunas, os globos, e os dois capitéis sobre as cabeças das colunas; e as duas redes, para cobrir os dois globos dos capitéis, que estavam sobre as cabeças das colunas”. (II Cr 4.12).

Nesta tradução de João Ferreira de Almeida, aparecem os famosos globos que deram origem, em algumas instruções, às referências a “globo terrestre e globo celeste” sobre as colunas. A leitura atenta, contudo, mesmo nessa

tradução, mostra pela seqüência—coluna, globo, capitel—que os citados globos (rolos, na tradução da Bíblia da Jerusalém), nada mais são que a base sobre as quais os capitéis, em forma de flores, estão assentados.

Não existem, portanto, representação de globo terrestre ou celeste, uma vez que a concepção hebraica do universo, àquela época, era semelhante a dos povos circunvizinhos.

O Oriente do templo maçônico é associado ao **“Santo dos Santos”** do templo hebraico, e a cadeira do Venerável Mestre ao **“Trono de Salomão”**. Devemos lembrar, contudo, que o rei hebreu jamais teve um trono no interior do templo, e que o acesso ao “Sanctum Sanctorum” era permitido apenas ao sumo sacerdote, e mesmo a ele, somente em determinadas ocasiões.

Com relação à Salomão, é notória a sua atestada sabedoria, tido como autor de provérbios e muitos outros textos dos quais não restou vestígio, pois no livro de Reis (1º Reis 5.9-14) lemos o registro:

“Deus deu a Salomão sabedoria e inteligência extraordinárias, e um coração tão magnânimo como a areia que está na beira do mar. A sabedoria de Salomão foi maior que a de todos os orientais, maior que toda a sabedoria do Egito. Foi mais sábio que qualquer pessoa: mais que Etã, o ezraíta, mais que Hemã, Calcol e Darda, filhos de Maol; sua fama se espalhou por todas as nações circunvizinhas. Pronunciou três mil provérbios e seus cânticos foram em número de mil e cinco. Falou das árvores, desde o cedro que cresce no Líbano até o hisopo que sobe pelas paredes; falou também dos quadrúpedes, das aves, dos répteis e dos peixes. Vinha gente de todas as nações para ouvir a sabedoria de Salomão e ele recebeu tributo de todos os reis da terra, que ouviram falar de sua sabedoria.”

Certo autor querendo associar conceitos místicos ao nome do rei hebreu, tomou sua versão inglesa, *Solomon*, e deu-lhe interpretação portuguesa/inglesa de Sol-man, significando homem solar, da qual tira interpretações de cunho esotérico. Entretanto, *Salomão* é aportuguesamento do hebraico *Shalomo*, (ou Sh'lomo), derivado de *Shalom*, que significa **paz**. Logo, o melhor significado do nome *Salomão* é **“pacífico”**, não *“homem solar”*, o que demonstra a necessidade de exame criterioso,

de análise lúcida, de aplicação coerente do princípio defendido pela maçonaria do livre exame de todas as questões, não apenas aos antigos dogmas eclesiais, como é comum, mas também às afirmações de caráter místico/esotérico, que muitas vezes refletem associações forçadas, desvinculadas do contexto real.

Totalmente desprovida de sentido, é também a discussão a respeito do posicionamento das colunas B e J, que alguns autores insistem em colocar à entrada do templo, do lado de fora, por ser essa sua posição no templo de Salomão. Ora, seguindo essa linha de pensamento, o mar de bronze deveria também estar fora do Templo, assim como o altar dos juramentos (que representa o altar dos sacrifícios), pois ambos ficavam fora daquele edifício. Deveríamos tirar também o trono e todos os outros assentos, por eles não existirem no templo de Jerusalém? Que dizer então dos signos do

zodiaco? E as colunas gregas, a decoração do céu, também inexistentes naquele templo?

Não é demais repetir: A relação do templo maçônico com o Templo de Jerusalém se dá apenas nos aspectos simbólicos de sua construção, dimensões e orientação. Nunca se pretendeu fazer do Edifício maçônico uma réplica do famoso santuário hebreu.

Os símbolos maçônicos, todos, estão adequadamente posicionados **dentro** do templo, onde é seu lugar. Mesmo quando não se havia ainda erigido edifícios especialmente destinados a abrigar os trabalhos maçônicos, jamais se posicionou qualquer símbolo fora das salas onde se realizavam as reuniões e, em todos os templos, os símbolos, quando representados, o são no interior da sala, ainda que em posições diferentes, segundo os ritos particulares.

Diferentes Visões do Templo no Mundo

O templo maçônico, segundo o texto das instruções que citam sua **geografia**, com pontos cardeais, trópicos, equador, terra e céu, representa o mundo, apresentado como a oficina por excelência, para o trabalho do maçom.

Curiosamente, se traçarmos um retângulo abrangendo o sul da Europa, Oriente próximo e norte da África (o mundo antigo), teremos ali representados vários dos elementos simbólicos ligados pelas instruções à arquitetura do templo.

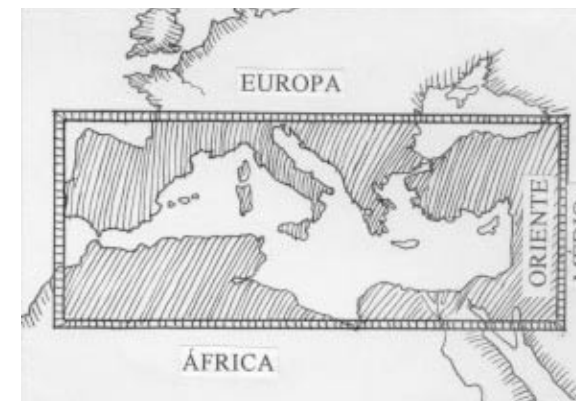
Nesse templo a luz nunca vem do Norte, pois em seu ciclo aparente, o sol descreve um arco inclinado para o Sul, o que esclarece a posição do 2º vigilante para “observar o Sol no seu meridiano”.

Nicola Aslan,⁹ relata essa curiosa interpretação:

No ano 535 de nossa era foi publicada a obra de um monge erudito que tinha por título **“Topografia cristã do universo baseada no**

EX: O Oriente desse templo de proporções continentais coincide com o Oriente Médio, berço das civilizações conhecidas; ao Sul, encontramos também duas colunas, as “colunas de Hércules”, nome dado pelos antigos às montanhas dos dois lados do estreito de Gibraltar, ponto onde, segundo a mitologia, o semideus teria se apoiado para separar a Europa da África. Ao norte encontramos os povos “bárbaros”, os incultos germanos e gauleses, vivendo em suas aldeias simples, distantes da sofisticação da cultura greco-romana, protótipos dos aprendizes. Dispostos no centro os “mestres” romanos e gregos, e ao sul, no Norte da África, as culturas derivadas de colonizações gregas e romanas, os companheiros.

testamento das escrituras sagradas, e da qual não é permitido aos cristãos duvidarem”. O seu autor, Cosmas e Indicopleutes, isto é, “aquele que navegou pelas Índias”, aconselha



O Mundo Antigo representando o templo ideal

os leitores a não se fiarem à ciência profana “que imagina poder explicar o universo por meio da razão”, assegurando que o panorama completo do mundo só pode ser obtido “seguindo-se incansável e constantemente as escrituras sagradas”. Cosmas faz nascer o mundo na mesma forma em que a supunham os babilônios e egípcios. Sustentava Comas que a Terra era a parte inferior e a base imóvel do mundo, negando-lhe seu caráter esférico, não lhe atribuindo nem mesmo a forma redonda. Assegurava, ao contrário, que a Terra tinha forma quadrangular ou, com mais exatidão, a forma de um paralelogramo, cujos lados mais compridos tinham duas vezes o tamanho dos mais curtos.

Mais adiante, na página 91 do mesmo livro, citando a obra de José Dias Carvalho—**Manual de la Masoneria Simbólica**—Aprendiz, acrescenta:

Na era Salomônica—a da construção do templo de Jerusalém, supunha-se que o universo tinha essa forma oblonga com que nós o simbolizamos.



Se em um mapa-mundi inscrevermos uma figura oblonga, cujos limites circunscrevam e compreendam precisamente a parte da terra conhecida na época de Salomão, as linhas que correm de Norte a Sul a pequena distância do Mediterrâneo e se estendem da Espanha à Ásia Menor, formariam um paralelogramo, compreendendo as margens meridionais da Europa, as da África e o distrito ocidental da Ásia. O Comprimento do paralelogramo é aproximadamente de setenta graus de Leste a Oeste, e sua largura de vinte de Norte a Sul.

Vemos assim, que a descrição do templo maçônico como um quadrilongo reflete, além da simbologia, a interpretação antiga do templo humano—a Terra e o universo. Seus elementos constitutivos associam concepções de origens diversas às tradições dos construtores e das corporações medievais. Assim, o templo com seus elementos arquitetônicos, transmitem essa interpretação geocêntrica do cosmos. As colunas com os signos do zodíaco



Moderno Templo Maçônico em Tóquio.

co representam a visão medieval do mundo humano, com a terra como centro e o sol girando em volta, percorrendo em seu trajeto todo o zodíaco. Mais que astrológica, é uma concepção astronômica que temos aqui representada nos templos que possuem essa decoração.

Esperamos que os argumentos apresentados, juntamente com as fotos de templos maçônicos de diferentes países esclareçam de uma vez por todas a impropriedade de se extrair interpretações esotéricas da decoração dos templos brasileiros e apresentá-las como componentes da doutrina maçônica, pois os templos apresentam diferentes decorações, segundo os diferentes ritos e a intenção de seus construtores de homenagear diferentes estilos arquitetônicos. Em algumas Grandes Lojas norte americanas vamos encontrar Enormes edifícios, chamados por eles Templos, reunindo diferentes “Salas de Lojas” (o que nós aqui chamamos templos), cada uma decorada em determinado estilo arquitetônico.

Em comum, essas salas têm as posições do Venerável e Vigilante, o altar central, os obreiros nas laterais, e as colunas B e J ao lado do primeiro vigilante. Os elementos decorativos das paredes, piso e teto não obedecem a qualquer simbologia maçônica. Alguns desses edifícios são de respeitável antiguidade, como o Templo Maçônico de Filadélfia inaugurado em 1873, o que é bastante significativo.

Nossa décima aula fica por aqui e, nela, podemos então apresentar as origens dos templos maçônicos para você, bem como esclarecer o significado da palavra “templo”.

Na próxima aula, vamos debater sobre as diferentes vertentes interpretativas da maçonaria, ressaltando também o significado e historicidade da Vertente tradicional.

Até lá!



Templo Maçônico de Eindhoven, Holanda.